

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH  
*Departamento de Letras – DL*

**Disciplina:** Discurso literário – criação, edição e consumo (060348-A)

**Autoria:** membro da equipe Leitura Profissional<sup>®</sup>  
(leituraprofissional@gmail.com)

**Título:** Exercício para escrita de um “roteiro de audiovisual”.

**COLETIVO**

**- argumento -**

Quantas pessoas se encontram a esmo, por força do destino, às vezes por questão de minutos, sem dar-se conta do que significa o “estar junto” a outro ser? Quantas personalidades distintas, quantas faces de curiosidades famintas, quantos olhares lacônicos encontramos pela cidade a começar por aqueles olhares distribuídos pelos pontos de ônibus...

*Coletivo* conta a história de cruzamentos mais ou menos fortuitos entre pessoas mais ou menos comuns. Os cruzamentos são notados do ponto de vista daquele que tem por função observar e conduzir: o motorista do transporte público munido dos seus vários espelhos retrovisores alocados em cada porta e guiado, com mais frequência do que deseja, por vontades externas às suas como quando, por exemplo, o cobrador toca a sineta fixada de maneira improvisada em sua caixa de dinheiro ou quando algum passageiro puxa, nem sempre no momento adequado, a cordinha que aciona aquela luz laranja-brilhante-tosca debaixo do seu nariz.

No meio do sobe-e-desce de todo o tipo de pessoa há que se manter a calma e a simpatia para dar informações aos que sempre perguntam a mesma coisa por preguiça de ler a placa com os locais de destino da condução – e que nunca acertam o alvo e só fazem perder o tempo, ao menos na maioria das vezes. A ilusão de um olhar receptivo e de bom anfitrião parte dos óculos escuros do motorista que tem as duas mãos nos volantes e os olhos disputados pela atenção

Lic. Creative Commons



Atribuição-NãoComercial-  
SemDerivações  
4.0 Internacional

**ATENÇÃO:** Este trabalho é parte do material da equipe de revisores, tradutores, roteiristas e redatores chamada **Leitura Profissional<sup>®</sup>**. Respeite nossas produções textuais, que demandaram dedicação e tempo. Você PODE copiar, distribuir e exibir o conteúdo com a devida menção de crédito SEM COBRAR/LUCRAR COM ISSO. **NENHUMA ADAPTAÇÃO É PERMITIDA sem autorização dos autores.** Outros usos são possíveis, entre em contato enviando o link do texto para [leituraprofissional@gmail.com](mailto:leituraprofissional@gmail.com). Agradecemos pela compreensão ☺.

**Menção de crédito:** “Equipe **LEITURA PROFISSIONAL<sup>®</sup>**. **Título do texto.** Disponível em: <[link de acesso a este texto em local visível e funcional](#)>.”.

que cobram o trânsito, o relógio, os espelhos e os passageiros.

Os assuntos são os mais variados. Houve aquele pivete de ontem que ameaçou o cobrador daquela linha na última noite quando a condução retornava do seu ponto final. Darcy viu tudo de seus retrovisores, o moleque suando no último banco, pedaços da perna dele no canto de outro dos espelhos e a mão que percorria aqueles cambitos afagando algo por entre a meia e a calça.

Darcy não foi com a cara do Everaldo. Aquele cobrador era vingativo, por mais de três vezes acionou a sineta que dá o sinal de partida antes que os passageiros tivessem descido do ônibus. O pepino sobra sempre para o motorista e um dos passageiros ainda acreditava ser cargo de confiança da prefeitura local. Fodeu. A empresa está respondendo a processo por lesão corporal culposa no trânsito. Everaldo não dirige. Sabe de nada. Outro dia deu o sinal da partida para largar uma família de ciganos no ponto: “Gente suja”, ele rosnou. Darcy só consegue perceber esses pormenores algum tempo depois.

Aquele pivete Darcy conhecia. Há doze anos conduzia aquela linha e sabia que o moleque já tinha passado o ponto costumeiro de parada. Os olhos do moleque brilhavam quando Darcy parou o ônibus para fazer o retorno, Everaldo foi até o moleque avisar que uma nova passagem teria que ser paga para ele continuar na condução, o pivete sacou a faca e levou o cobrador até o caixa para pegar as poucas notas miúdas que lá havia.

Essa linha saía da universidade após o almoço, passava no terminal rodoviário, cruzava a região central e rica da cidade e seguia rumo a uma das periferias da zona urbana para fazer todo o retorno e, após 4 horas, parar para jantar correndo e depois recomeçar por mais 4 horas. Na verdade, a linha existia porque na parte rica é que o povo da periferia trabalhava e buscava a sobrevivência. Mais vantajoso assaltar o caixa pras bandas da tal faculdade do que o inverso, quando só voltava pobre mesmo pra casa.

Bem feito para o Everaldo. Dizia que era formado em Economia, mas nunca economizou palavra. Darcy fumava e desceu do ônibus na santa paz fingindo que não via nada. O pivete era ligeiro e saiu zás-trás correndo por entre becos escuros. Everaldo praguejou, Darcy o consolou com um “Deixa

disso, a empresa cobre". Everaldo olhava no retrovisor e via na face de Darcy certa tensão, afinal, motorista há tanto tempo, mantinha a seriedade e não deveria se deixar abalar. Darcy sabia que aquele retrovisor só mostrava ao cobrador os seus olhos ocultos pelas lentes escuras. E ria. Isso foi assunto de prosa recorrente durante toda a semana.

Darcy tinha família não. Foi criado por mãe e avó já mortas e todo dia chegava cansado do trabalho e não queria fazer nada, e também não queria alguém que lhe fizesse tudo. Continuava solteiro e contava 36 anos. Não nutria esperanças e vivia feliz. Ele e uns livros velhos que a avó disse que o avô lhe deixara de herança trancados no armário e que a mãe nunca fez questão de destrancar. Ele lembra dessas coisas com nostalgia, "coisas do demo", repetia a mãe. Depois de tudo, Darcy vendendo o que não precisava abriu o móvel e achou livros e revistas contendo textos de Nelson Rodrigues.

O pai ele não conheceu. O avô morreu em 1982, quando ele era pequeno de três anos só. Hoje lembrava apenas que o velho conduziu bondes até o início dos anos 60 e era saudoso e teria adoecido de saudade do seu loteação. A avó brigava sempre que ouvia ruídos do passado. Vá saber. No meio dos livros réplicas e réplicas do conto *A dama do loteação*. Darcy decorou o quarto com elas, espalhou tudo pelas paredes. Ninguém entrava lá além dele. "A vida como ela é", sibilava.

Outro dia começou e colocaram um cobrador novo na linha. Garoto trabalhador, mas irritante. Darcy emudeceu ainda mais com ele. O garoto se atrapalhava nas contas do troco enquanto Darcy conversava com os passageiros que subiam. Conhecia quase todos de rotina. Do retrovisor ele sabia que aquelas seis sentadas lá no fundo de uniforme branco eram funcionárias terceirizadas da tal faculdade, estavam articulando uma greve e não paravam de falar. Pediram até a opinião de Darcy, ele disse que greve nunca fez porque precisa trabalhar.

Os que ficam em pé também de uniformes são os colegas de trabalho de Darcy, vão o caminho todo tirando onda porque o motorista não larga a linha que enche de universitárias nos horários de pico. E vão indiretando as palavras para mostrar a mais moderna, a que tem o decote que dá pra ver do retrovisor, a que esqueceu que a saia é

curta demais pros degraus altos da condução e a que tá acompanhada do playboy com carinha de nojo e iPad na mão. Darcy não olha as mulheres não, acha que pelo menos o coletivo é do povo e lá as pessoas têm que ficar a vontade, porque lotação é lotação e tá sempre cheio de vida.

Inferno mesmo é na cidade. Sobe uma pancada de playboy com fone de ouvido e sem educação. Nenhum bom dia, olhares no chão e boca aberta mascando chiclete. Uns tão indo pra tal universidade, outros têm preguiça de caminhar de seus colégios particulares e pegam o ônibus para denotar alguma emancipação.

Darcy observa com carinho as meninas e os meninos trabalhadores. Vê eles mais de uma vez no dia. Saem da perifa de mochila nas costas e uniforme de escola, depois correm para voltar pra perifa almoçar. Aí tem aqueles que vão pra universidade à tarde descolar uns bicos de estagiário, criar coragem para construir e manter o sonho de passar num vestibular. E à noite voltam cansados, com livro na mão adiantando a tarefa do cursinho popular de onde acabaram de sair. Esses dão orgulho, mas esses quase ninguém vê.

Aquele que sentou perto da porta, por pura pressa de sair o mais rápido possível da condução, é o professor PhD que não curte dirigir porque diz que carros aceleram demais a vida. Disse isso pro Darcy um dia e recebeu a resposta de que no ônibus o tempo pára. Ele não sabe que as terceirizadas estão articulando uma greve, mas na volta da universidade para a cidade rica fica alugando Darcy dizendo que “dá vergonha dar aula naquele lugar”, “falta verba até para o café”, “não pagam nem hotel cinco estrelas para professor internacional”, “não tem funcionário da limpeza que saiba se comportar, estão sempre pelos cantos que nem bichos”, “é um pessoal feio, sabe?, muito sem educação”. Darcy sabe quem é que não tem educação.

Segurou mais forte o volante para não deixar um dos punhos quebrar a cara desse engomadinho branco de cheiro nojento e terno do tempo da avó em pleno verão. Melhor mesmo PhD esnobe do que tentando ser humilde trocando palavras com pobre. Sinceridade no ônibus. Darcy gosta de ver as pessoas como elas são.

Naquela tarde era dia de “pula catraca” na universidade. A ordem da empresa era a de não parar para

quem parecesse universitário. Darcy deixou todos entrarem e o garoto dava graças por não ter que contar tantos trocos. “É pelo seu salário, você é explorado!”, disse um estudante. Novidade. Darcy já é macaco velho, mas é bom ver gente viva de vez em quando.

Era bom ver gente voltar a viver um pouco, como aquelas pessoas sentadas nas poltronas da frente, as pessoas velhas que não pagam mais passagem e passeiam para cima e para baixo quando não estão indo ao médico. Elas se revoltavam: “Comunismo, Darcy! Tá vendo! Esses jovens não conhecem regra nenhuma”. Darcy ria e ia acompanhando o buzinaço da tal “Tarifa Zero” quando chegava na parte rica da cidade e encontrava com a passeata. Mas fazia isso só para perturbar aqueles professores e advogados e engravatados que se ilhavam no que chamavam de arranha-céus, uns prédios apertados com um monte de gente que ninguém faz questão de conhecer e que trata a si mesmo como ‘colega’.

O time das terceirizadas táva sempre na linha. Trabalham por turnos e é um vai-e-volta-de-gente-sem-fim cruzando a cidade. Hoje estavam aos gritos junto com os estudantes. Elas têm razão pra gritar. A tal universidade finge que não sabe que a empresa para a qual paga milhões atrasou o salário das moças em mais de três vezes e suspendeu a cesta básica miserável quando elas reclamaram. Mas o tal PhD descolado e os estudantes têm outras preocupações. Moram na parte rica da cidade, a grande maioria deles não sabe o que significa pagar para trabalhar.

Naquele outro dia os nervos estavam à flor da pele. A empresa contabilizou prejuízos do dia anterior, mas já planejava elevar a tarifa para compensar e ainda tirar um quinhão a mais. As férias da universidade já iam chegando, afinal. Na rodoviária, o dono da empresa – um velho misterioso que parecia humilde, bonachão, mas tinha terras e terras no Mato Grosso do Sul e carregava uns boatos de morte nas costas – parabenizava efusivamente os seus empregados por vestirem a camisa da empresa e não comprarem “o papo furado do tal Tarifa Zero que é, na verdade, Zero Emprego pra todos vocês”. Gente fina.

Daí Darcy sobe no seu coletivo. O garoto cobrador chega correndo em seguida. Darcy sai da garagem e pára no

ponto ali mesmo para pegar seus primeiros passageiros. Uma pessoa com cadeira de rodas faz sinal, a condução de Darcy é adaptada. O garoto-cobrador nem sabia que ali tinha um elevador para pessoas assim. Um passageiro se revolta com a falta de ação do garoto diante do passageiro e diz que é uma pouca vergonha não oferecerem treinamento aos funcionários para isso.

O garoto quer pagar de macho, o dono da empresa sentiu já algo no ar e tá ali atrás, vendo tudo do chão. Há que se defender a tal camisa da empresa na esperança de uma promoção mais veloz. O garoto defende a empresa, Darcy observa do retrovisor. Escuta uma troca de impropérios, escuta um bocado de mentiras sobre a empresa ser boa e pagar bem e não ser culpa dela não ter treinamento porque o cobrador mesmo não tinha tido tempo de ir concluir os cursos.

O garoto tem 18 anos e é pai de uma menina de 3 meses. Primeiro emprego da vida e primeiros pedidos de adiantamento e horas-extras para arcar com as despesas da nova família. O sonho brasileiro.

O passageiro que primeiro se revoltou manuseia o elevador com segurança e instala a pessoa com a cadeira de rodas adequada e perfeitamente. A esposa dele vive na mesma condição e é sempre ele quem tem que manusear o elevador deste e de outros coletivos.

O garoto se sente humilhado. Olha em volta e não encontra a quem recorrer. Lança a pergunta aos outros passageiros: "Vocês por acaso me viram sendo grosso com esse rapaz? Tô aqui fazendo meu trabalho e dizendo que não sei manusear o elevador e que posso causar algum acidente que prejudique alguém...".

O passageiro responde: "Vocês por acaso conhecem alguma linha de ônibus dessa bosta de empresa que valha o preço que pagamos por ela diariamente?". Silêncio sepulcral na lotação.

O dono da empresa se aproxima do elevador e se apresenta. Diz às gargalhadas que o transporte é tão bom que ele mesmo anda de ônibus todo dia. Mentira, a Mercedes dele é outra, mas elevai subir no lotação.

Darcy já se distraiu ajustando os retrovisores. Viu algumas universitárias fazendo sinal para ele esperar e aguardou até elas subirem. Sem o garoto no caixa formou-se



aquela fila de pernas perto da porta de entrada do ônibus que permanecia aberta. Fazia silêncio na condução novamente e a sineta que dá o comando de partida soou feroz.

Sem pensar duas vezes Darcy arrancou com o ônibus pensando que novamente as pessoas estavam vivas e que pernas frescas e coloridas entraram em sua condução exalando aquele cheiro de juventude que lhe animava. O ônibus deu um tranco, normal, motor velho, frota pior ainda. Ele acelerou e seguiu com um sorriso no rosto.

Um quinze quadras em meio ao seu trajeto uns policiais pararam o veículo. “Pronto, mais vida!”, ele pensou. Os policiais traziam outro motorista para substituí-lo e Darcy foi conduzido à viatura sentido rodoviária. Não entendeu nada, mas sabia como é.

Contaram pra ele, depois, que o tranco que o ônibus deu foi sobre o corpo do velho dono da empresa e que ele não parou para prestar socorro. Táva encrencado. Sobra sempre para o motorista. Ninguém da condução o avisou do fato.

O garoto cobrador ficou ressentido com a humilhação que passou para puxar o saco do chefe e se calou, os passageiros mais atentos sabiam que o cara não prestava e ficaram quietos mesmo, as universitárias estavam preocupadas demais falando sobre as festas da semana que nem viram o velho literalmente babando por elas na frente do ônibus, os colegas de trabalho de Darcy no fundo queriam mesmo que o velho morresse, velho escroto que assediava moralmente todo mundo ali e perseguia sindicalizados... E o restante dos passageiros, bom, quem disse que num coletivo todas as pessoas têm os mesmos motivos para sentirem-se parte de um coletivo?

Darcy pensou: “É a vida. Tá lá um corpo estendido no chão...”

[sugestão de encerrar com a música “De frente pro crime”]

## **APONTAMENTOS E PITACOS DA ESTUDANTE**

[É mal de revisor/coautor/*ghostwriter*/estudante de Letras isso de querer explicar ou tentar dar algum sentido a tudo o que escreve? Isso passa?]

Antes de iniciar a atividade dei uma *Googleada* (pesquisa descompromissada para etapa de *brainstorm*, rsrs, não me detive à formação dos autores dos sites, por exemplo) para verificar se o que entendo por “argumento” no audiovisual era mesmo o que eu almejava escrever. Faz tempo, afinal, que não trabalho com roteiros. Baseei minha redação, então, em três ‘definições’ que já conhecia e que encontrei em um mesmo site (<http://cristinasusigan.blogs.sapo.pt/735.html>). Todos os grifos são meus:

O Argumento é forma escrita de qualquer audiovisual. É uma **forma literária efêmera**, pois só existe, durante o tempo que leva para ser convertido em um produto audiovisual. No entanto, **sem material escrito não se pode dizer nada**, por isso um bom argumento não é garantia de um bom filme, mas sem um argumento não existe um bom filme.

(Doc Comparato)

Escrever um Argumento é muito mais do que escrever, **é escrever de outra maneira: com olhares e silêncios, com movimentos e imobilidades, com conjuntos complexos de imagens e de sons, que podem possuir mil relações entre si...**

(Jean-Claude Carrière)

Argumento é **uma história contada em imagens, diálogo e descrição, dentro do contexto de uma estrutura dramática.**

(Syd Field)

Além destas definições famosas, uma definição mais “prática” me chamou a atenção (<http://joaonunes.com/2013/guionismo/perguntas-a-entre-guiao-roteiro-e-argumento/>):

**Tratamento, ou Argumento** é uma sinopse **mais longa e envolvente, que se lê quase como um conto**. Pode ter entre 5 e 30 páginas. Se for muito mais longo, e incluir trechos de diálogos, pode ser tratado por “scriptment”, uma mistura entre “script” e “treatment”. O tratamento é o que corresponde mais de perto ao sentido tradicional em que se usava a palavra Argumento.

(João Nunes)



Gostei bastante desta atividade e tendo a concordar com as definições que encontrei sobre o gênero “argumento de audiovisual”. Percebe-se, com certeza, o quanto o discurso literário está entranhado nele justamente no que diz respeito à necessidade de *cenografar* via escrita o que será transformado em imagens, ou ao menos noções disso. O “tom do texto”, que dá cenograficamente o “clima” do audiovisual porvir, nada mais é do que o *trabalho com a materialidade da língua através da mobilização disso que é o código linguageiro literário dos contos*.

Creio que não se faz necessário relembrar largamente os elementos principais que buscam circunscrever o gênero literário *conto*, dentre os quais um enredo pautado em um acontecimento ou trama ou conflito que é linguisticamente tratado de maneira condensada e sintética, o que lhe confere certa unidade temporal [Ow! Aquelas coisas que escrevemos e nos assustamos depois].

Assim, o que eu busquei neste Argumento de **um audiovisual de curta ou média-metragem** foi testar os limites desses gêneros numa tentativa de inserir conflitos vários que não se resolvem e permanecem em aberto partindo da polissemia e de certa banalidade atribuída ao termo *coletivo*. Creio que isso eu alcancei em partes, mas estou me dando por satisfeita.

Hoje há certo embate semântico entre o que se entende por “coletivos engajados” (coletivos de estudantes mobilizados pelo transporte público gratuito ou de trabalhadores organizados para defender seus direitos, etc.), “coletivos de trabalho” (ou *coworking*), “espaços coletivos” (a cidade, a universidade, etc.) e “coletivo de transporte urbano” (ônibus, vans, bondes, etc.), e eu quis tentar brincar com isso. Não sei se consegui da maneira como queria, mas vai assim!

Engraçado perceber como me inscrevo enquanto autora nesta atividade e como o limiar entre argumento e conto torna-se quase imperceptível em alguns momentos. Há trechos onde, por exemplo, a minha voz se confunde com a voz de Darcy, o que pode ser atribuído à linguagem do argumento narrado pelo próprio Darcy OU ao tratamento linguístico de caráter mais *contista*...

Pitacos dados.